

## INTERVISTE

## Quando prevalece a alteridade

Pérolas de Tullio Seppilli à pesquisa qualitativa brasileira

**Rita DE CÁSSIA GABRIELLI SOUZA LIMA**

Universidade do Vale do Itajaí

**ABSTRACT:** Comment on Tullio Seppilli, Rita de Cássia Gabrielli Souza Lima, *Rischio epidemiologico e politiche delle salute. Un'intervista a Tullio Seppilli*, *Anuac*, 10, 1, 2021: 211-223.

No período 2011-2014, em que as instituições brasileiras e seus mecanismos sustentavam o estado democrático de direito no país, a então Presidenta Dilma Rousseff criou uma política de ampliação da pós-graduação stricto sensu, visando a uma maior qualificação da força de trabalho nacional. Por meio do Ministério da Educação do Brasil, doutorandos foram contemplados com bolsas para estudar em universidades estrangeiras, na modalidade “Programa Institucional de Bolsas de Doutorado Sanduíche no Exterior – PDSE”.

No primeiro ano de vigência dessa política, eu estava começando o terceiro ano de doutoramento em Saúde Coletiva<sup>1</sup>, na Universidade Federal de Santa Catarina. Com os créditos já cumpridos, era hora de concorrer a uma bolsa do PDSE, para viver o estágio na Itália<sup>2</sup>, país com o qual me identifico afetivo e culturalmente. Para minha alegria, conquistei uma bolsa de um ano. No momento subsequente, em que o projeto de pesquisa foi qualificado, o

1. Coordenado pela profa. Marta Verdi, do Departamento de Saúde Pública e do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, da Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil.

2. Facoltà di Scienze Politiche, Sociologia, Comunicazione dell'Università di Roma La “Sapienza”, sob a co-orientação do prof. Umberto Melotti.

This work is licensed under the Creative Commons © Rita de Cássia Gabrielli Souza Lima  
*Quando prevalece a alteridade: Pérolas de Tullio Seppilli à pesquisa qualitativa brasileira*

2021 | ANUAC. VOL. 10, N° 1, GIUGNO 2021: 225-229.

ISSN: 2239-625X - DOI: 10.7340/anuac2239-625X-4844



prof. Ángel Martínez-Hernández, da Universitat Rovira i Virgili, presente na instituição como professor visitante e membro da banca, disse-me: *Rita, eu te sugiro que vá ao encontro de Tullio Seppilli. Ele trará luz ao referencial teórico.* Anotei a indicação.

O tema de pesquisa incidia sobre a autoridade do discurso do risco, impecado pela biomedicina em ações de Atenção Primária à Saúde (APS), componente estratégico de nosso Sistema Único de Saúde (SUS). Fruto de meu universo empírico, construído na rede pública de APS ao longo de mais de duas décadas e em formações acadêmicas *latu senso*, o tema refletia um pulsante fenômeno: o sofrimento humano da concretude da vida, núcleo central das necessidades de base vinculadas ao processo saúde-doença, encontrava-se submetido ao monopólio de indicadores e fatores de risco. Os espaços dos serviços eram modelados “por uma espécie de domínio feudal do discurso probabilístico” (Lima 2019: 97). Eram, ainda, ocupados por uma força de trabalho passiva (da qual eu era parte), coordenada por gerências defensoras do cuidado prescritivo, alinhado à condição histórica de tutela médica da vida do outro, indutor do esvaziamento da potência da “racionalidade emancipatória, geradora de estratégias concretas e simbólicas” para o enfrentamento dos percalços atinentes à saúde (Lima, Verdi 2015: 1029), da qual o “modelo cultural crítico” se alimenta (Martínez-Hernández 2011: 38). As experiências de sofrimento das pessoas eram interpretadas como falsas crenças, verbalizadas por pessoas despreparadas intelectualmente; como fatos abstratos e não reveladores de seus próprios significados e dos sentidos de algo mais que eles conferem, invisibilizando a percepção de saúde como “um processo íntimo que diz respeito a cada indivíduo e um componente essencial da vida comunitária” (Berlinguer 2011: 70). Ademais, o cuidado era realizado de modo descolado da análise da influência da formação econômico-social capitalista.

Instigada por essa problemática e ciente do protagonismo da Organização Mundial de Saúde (OMS) na formalização do conceito de APS, divulgado na histórica Conferência de Alma-Ata, Cazaquistão, União Soviética, em 1978, decidi garimpar se, e de que modo, a noção de risco havia influenciado a criação da APS, em documentos primários das Assembleias Mundiais de Saúde (AMS), sitiados na biblioteca da Organização Mundial de Saúde (OMS), Genebra, no recorte 1948-1978. O estado da arte havia destacado o processo histórico da biopolítica de prevenção e gestão do risco, em países ocidentais, e a compreensão, por parte da OMS, de saúde como ferramenta para o desenvolvimento (Cueto 2004) “porque promove a produtividade e porque ajuda a vencer a competição econômica” (Berlinguer 2011: 217).

### *Sobre os encontros e as pérolas correlatas*

A primeira comunicação com Tullio havia sido estabelecida, ainda do Brasil, em dezembro de 2011, por correio eletrônico. Ao colocar-se à disposição para me receber, com gentileza e entusiasmo, bons ventos mobilizaram minha intuição. A sensação era de que não se trataria de um encontro formal. Seria mais que uma entrevista acadêmica. O segundo contato com ele se deu já no período de estágio, em Roma, quando acordamos que eu iria a Perugia após a coleta de dados: no segundo semestre.

Em uma gelada manhã de novembro, cheguei a Perugia, levando na bagagem uma expressiva insegurança sobre a necessidade de me fazer entender “ao professor Seppilli”, em relação à minha insatisfação com o referencial de análise, embasado em algumas contribuições sociológicas e antropológicas. Ao chegar na estação, me dei conta de que o caminho do pensamento se havia deslocado, durante o percurso Roma-Perugia, para a recente e linda experiência que eu havia vivido em Puglia: a de ter entrado em contato com a literatura de Ernesto de Martino, na ocasião da *The International Conference on Ricoeur Studies*, em Lecce, em setembro. Sem instrumentos para expressar o vivido, o fato é que ao conhecer o Salento, fui tomada por uma vontade imensa de lá ficar, para escavar se o fenômeno tarantismo seria uma representação de risco como experiência, como realidade social; neste caso, *La terra del rimorso* poderia ser percebida como uma sociedade de risco que havia existido em um dado tempo histórico. No entanto, eu precisava voltar “ao mundo racional”: para minha base de dados. Afinal, eu já estava em Perugia.

A entrevista foi realizada na belíssima fundação *Angelo Celli*. Ao chegar, fui recebida com uma hospitalidade ímpar, “pelo professor Seppilli” que, de imediato, me pediu para chamá-lo Tullio. A nossa conversa aconteceu em um clima delicioso de descontração, misturado com saudosismo brasileiro, da parte dele, e foi mediada pela gata Iara, fiel aos que ali trabalhavam. Foram duas horas e meia de forte deleite. Tullio conseguiu reconduzir-me à lucidez, com maestria e serenidade, ao subverter, com *pérolas*, o tipo de estudo, objeto e referencial de análise. A elas:

1. Estudo: ao compartilhar o processo de coleta, realizado em Genebra, ouvi dele que eu não estava fazendo uma pesquisa documental, mas uma reconstrução etnográfica de abordagem ética, pois eu havia entrado em contato com uma rica vida social, expressa em documentos que eram movimentos vivos de uma sociedade definida, com distintas concepções políticas, artísticas e filosóficas, em processo de construção, em um tempo histórico definido (De Martino 2009). Segundo ele, a escolha havia sido ética e dessa posição

ética eu começara a fazer uma análise êmica, entendida como a relação entre duas culturas da civilização ocidental, a minha cultura científica e a cultura ali exposta em documentos. As fontes primárias das AMS seriam analisadas como êmicas, *mas uma êmica que estaria em relação conosco porque se tratava de uma unidade vida*. Tratava-se, portanto, de uma etnografia, aludindo ao fundamento demartiniano de que *em nenhum tempo histórico existe homem fora da história, fora da sociedade, fora das relações sociais e da cultura*. Questionando-o sobre meu breve período na OMS, para caracterizar a pesquisa como uma etnografia, ele me aproximou de outra máxima de De Martino: o de que uma reconstrução etnográfica responsável não está submetida ao tempo concreto que o pesquisador dedica ao trabalho de campo, ao tempo quantificado em que se dá a “relação entre quem viaja para conhecer e quem é visitado para ser conhecido”. A própria etnografia de Ernesto De Martino e equipe havia sido realizada em dezoito dias (De Martino 2009: 40).

2. Objeto e referencial de análise: em um dado momento da nossa conversa, Tullio sugeriu-me que pensássemos o objeto juntos. Nesse diálogo, o objeto começou a ganhar novas formas e contornos, até consolidar-se naquilo que está anterior à autoridade do risco frente à saúde: hegemonia. A partir de então, avizinhou-se um novo horizonte analítico – a teoria da hegemonia, na perspectiva gramsciana. Dali para frente, seria só uma questão de esforço para alcançar um mínimo de amadurecimento epistemológico.

As contribuições de Tullio representaram o renascimento da confiança em meu modo dialético de problematizar fenômenos humanos, de interpretar a relação entre saúde e sociedade e de pensar a pesquisa qualitativa, uma vez que fortaleceram a mim e a minha concepção de mundo. Ele me aproximou de Gramsci, de quem nunca mais me descolei. Posso dizer que esse foi meu maior ganho do processo de doutorado. Desde então, Gramsci – sua vida, sua luta, suas dores, suas renúncias, suas cartas, seus cadernos – me acompanham pessoal e academicamente.

Quando nos despedimos, fui convidada a retornar: *Você pensa em tudo que conversamos. Antes de partir, podemos nos ver; preparo para você as indicações bibliográficas e a frase de De Martino; você retorna, então, para fecharmos tudo*. Nosso segundo encontro aconteceu em dezembro: mediado por um fato divertido – ele se comunicou em português e eu em italiano.

Retornei ao Brasil com a percepção de que os nossos encontros foram experiências de alteridade, na ótica levinasiana, posto que aconteceram entre um eu e um outro concretos, com base na estima e na responsabilidade que o eu assumira pelo outro. Um presente para a pesquisa qualitativa brasileira e para mim. Obrigada, Tullio querido!

Neste momento, já finalizando o texto, não posso me isentar de tecer algumas palavras sobre a interlocução entre uma frase manifestada por ele reiteradamente – *o problema está no uso político do risco* – e a Covid-19 no Brasil.

O novo coronavírus tocou o solo brasileiro em um cenário de crise fiscal de estados e municípios, crise política e crise moral. Ao chegar, conheceu um país desprovido de uma unidade de ação para enfrentá-lo, uma vez que o Presidente Jair Bolsonaro se posicionou contrário, desde o início, a medidas biopolíticas ancoradas em estudos científicos nacionais e internacionais. Neste cenário, o SARS-CoV2 reconheceu rapidamente o terreno fértil para se propagar: as comunidades de vulnerados, oprimidos, invisíveis. Ao chegar, o novo coronavírus encontrou também um país desprovido de espírito cooperativo, em que pese a nossa Constituição Federal assim qualificar o nosso federalismo. Cada SUS estadual tratou de estabelecer seus planos de contingência, desiguais entre si, chancelando que não somos um Brasil, mas vinte e sete Brasis, com diferentes espectros de luz ao sol, em termos de recursos materiais e imateriais para assumir medidas de contingenciamento. Esses Brasis são responsáveis por quase seis mil municípios.

Em contrapartida, a epidemia no Brasil colocou em evidência a qualidade da força de trabalho da APS do SUS, sem a qual o risco de uma convulsão social, atravessada pela impossibilidade de vacinação, seria realidade. Diuturnamente, ações primárias multisetoriais começaram a adentrar os lares brasileiros, por meio de pequenas e grandes mídias corporativas, denotando que a crise sanitária acabou abrindo uma trincheira de valorização da nossa APS.

## BIBLIOGRAFIA

- Berlinguer, Giovanni, 2011, *Storia della Salute. Da privilegio a diritto*, Firenze e Milano, Giunti Editore.
- Cueto, Marcos, 2004, The origins of primary health care and selective primary health care, *American Journal of Public Health*, 94, 11: 1864-1874.
- De Martino, Ernesto, 2009 [1961], *La terra del rimorso. Contributo a una storia religiosa del Sud*, Milano, Il Saggiatore.
- Lima, Rita de Cássia Gabrielli Souza, 2019, Formação ético-política em Ciências da Saúde e produção de quadros para o Sistema Único de Saúde na conjuntura brasileira, *Revista Redbioética/UNESCO*, 2, 20: 93-105.
- Lima, Rita de Cássia Gabrielli Souza, Marta Verdi, 2015, Discursos de médicos de família brasileiros e italianos sobre autonomia na perspectiva bioética, *Saúde e Sociedade*, 24, 3: 1021-1032.
- Martínez-Hernández, Ángel, 2011, *Antropología médica. Teorías sobre la cultura, el poder y la enfermedad*, Barcelona, Anthropos Editorial.